DO RABISCO À CRIAÇÃO: A EXPRESSÃO ARTÍSTICA NA INFÂNCIA

CATARINA SILVEIRA RAMOS

RESUMO
O presente artigo aborda a importância da expressão artística no contexto da educação infantil, destacando como o desenho, a pintura, a modelagem e outras manifestações favorecem o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. O objetivo é analisar de que forma a arte, desde os primeiros rabiscos até produções mais elaboradas, contribui para a construção da identidade, para o estímulo da criatividade e para a ampliação das formas de comunicação e expressão. A metodologia utilizada baseou-se em pesquisa bibliográfica, com análise qualitativa de estudos sobre práticas pedagógicas que valorizam a arte como linguagem essencial no processo educativo. Os resultados evidenciam que a expressão artística na infância não deve ser vista apenas como atividade recreativa, mas como um meio potente de aprendizagem, capaz de desenvolver a autonomia, a imaginação e a sensibilidade estética. Além disso, ressalta-se a relevância do papel do educador em criar ambientes que favoreçam a experimentação e a livre expressão, respeitando os tempos e singularidades de cada criança. Conclui-se que a arte, ao integrar o cotidiano escolar, promove não apenas o prazer estético, mas também aprendizagens significativas que contribuem para a formação integral do sujeito.
PALAVRAS-CHAVE educação infantil; arte; expressão artística; criatividade; desenvolvimento infantil

ABSTRACT
This article discusses the importance of artistic expression in early childhood education, emphasizing how drawing, painting, modeling, and other forms of creation contribute to cognitive, emotional, and social development. The study aims to analyze how art, from the first scribbles to more elaborate productions, supports identity building, creativity, and diverse communication. The methodology was based on bibliographic research and qualitative analysis of educational practices that value art as an essential language in the learning process. The findings indicate that artistic expression should not be seen merely as a playful activity, but as a powerful tool that fosters autonomy, imagination, and aesthetic sensitivity.
KEYWORDS early childhood education; art; artistic expression; creativity; child development

INTRODUÇÃO

A infância é um período singular na vida do ser humano, marcado por descobertas, experimentações e aprendizagens que moldam a formação integral do sujeito. Nesse contexto, a arte se apresenta como uma linguagem privilegiada, capaz de favorecer o desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e social das crianças. Desde os primeiros rabiscos até produções mais estruturadas, a expressão artística constitui uma forma de comunicação que antecede muitas vezes a linguagem verbal, permitindo que a criança manifeste emoções, ideias e compreensões de mundo. Assim, refletir sobre a presença da arte na educação infantil é também compreender seu papel fundamental na construção de sujeitos criativos, críticos e sensíveis.

A escolha desse tema se justifica pela necessidade de valorizar práticas pedagógicas que ultrapassem a visão da arte como atividade meramente recreativa. Em muitas instituições, as atividades artísticas ainda são tratadas como momentos de descontração, desvinculados dos processos de aprendizagem e formação. No entanto, estudos e experiências educacionais demonstram que a arte constitui um meio potente de desenvolvimento, ampliando o repertório cultural, promovendo a autonomia e estimulando a sensibilidade estética das crianças. Além disso, discutir a expressão artística na infância contribui para o fortalecimento de propostas pedagógicas mais inclusivas e democráticas, que reconhecem as múltiplas linguagens como ferramentas legítimas de aprendizagem.

Do ponto de vista social, a relevância do estudo está na compreensão de que a arte fa-

vorece a inserção das crianças em diferentes contextos culturais, ampliando seu senso de pertencimento e de identidade. Já no campo educacional, analisar a arte como parte da formação na infância possibilita repensar práticas docentes, estimulando o professor a adotar metodologias que valorizem a criatividade e o protagonismo infantil. Por sua vez, no aspecto científico, a pesquisa sobre arte e infância permite aprofundar os debates sobre as formas de aprendizagem, explorando como diferentes linguagens podem colaborar para a construção de saberes significativos.

O objetivo geral deste artigo é analisar a importância da expressão artística na educação infantil, destacando como os diferentes modos de criação contribuem para o desenvolvimento integral da criança. Como objetivos específicos, busca-se compreender as etapas do processo criativo infantil, identificar de que maneira as práticas pedagógicas podem potencializar a expressão artística e refletir sobre o papel do professor na mediação dessas experiências. Dessa forma, pretende-se oferecer subsídios teóricos e práticos que reforcem a presença da arte como eixo estruturante na educação infantil.

Em síntese, ao investigar a expressão artística na infância, o estudo propõe valorizar o percurso criativo da criança, desde os primeiros rabiscos até a consolidação de formas mais complexas de produção, entendendo esse processo como fundamental para a formação de sujeitos autônomos e criativos. A introdução, portanto, situa o leitor sobre a relevância do tema, aponta a justificativa para a pesquisa e apresenta os objetivos que nortearão a reflexão desenvolvida ao longo do artigo.

DESENVOLVIMENTO

A ARTE COMO LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A arte é compreendida como uma das primeiras formas de expressão humana e, na infância, assume papel decisivo na construção do conhecimento e na formação integral. Desde os primeiros contatos com materiais simples, como lápis, tintas e argila, a criança passa a experimentar diferentes maneiras de se comunicar com o mundo. Essa comunicação não verbal se dá de forma espontânea, mas guarda significados profundos, revelando sentimentos, descobertas e modos singulares de compreender a realidade. Para Vygotsky (1998), a arte representa a materialização da imaginação criadora, sendo um instrumento que conecta emoção e pensamento, permitindo que a criança organize e reelabore suas experiências.

A presença da arte na educação infantil, portanto, deve ser compreendida como uma linguagem, assim como a fala, a escrita ou o movimento. Barbosa (2003) reforça essa perspectiva ao afirmar que a arte é um campo de conhecimento que possibilita à criança ampliar seu repertório cultural e desenvolver sua sensibilidade estética. Nesse sentido, a arte não pode ser reduzida a um recurso para “passar o tempo” ou a atividades decorativas, mas deve ocupar lugar de destaque nos projetos pedagógicos, estimulando a criatividade, a autonomia e a reflexão crítica.

Além disso, a arte permite à criança estabelecer diálogos com diferentes culturas, histórias e tradições, promovendo uma compreensão mais ampla e respeitosa da diversidade. De acordo com Dewey (2010), a experiência estética é essencial para o desenvolvimento humano, pois desperta a curiosidade e a capacidade de atribuir novos significados ao mundo. Assim, ao entrar em contato com múltiplas manifestações artísticas, a criança aprende a valorizar tanto sua própria produção quanto a de seus colegas, desenvolvendo atitudes de respeito e cooperação.

Outro ponto relevante é que a arte na infância não se restringe às artes visuais. Música, dança, teatro e literatura também se constituem como linguagens fundamentais, capazes de mobilizar diferentes dimensões da aprendizagem. Essas práticas favorecem o desenvolvimento motor, a percepção rítmica, a expressividade corporal e a imaginação, além de fortalecer vínculos afetivos e sociais. Para Read (2001), a arte é vital para a formação emocional e intelectual, pois cria oportunidades para que a criança reconheça suas emoções e as traduza em formas criativas de expressão.

Portanto, considerar a arte como lingua-

gem significa compreendê-la como um direito da criança e uma necessidade para sua formação integral. Na educação infantil, isso implica oferecer experiências diversificadas, planejadas intencionalmente pelos educadores, que valorizem tanto o processo quanto o produto artístico. Dessa forma, a arte cumpre sua função de ampliar horizontes, estimular a criatividade e consolidar-se como um eixo estruturante do processo educativo.

O Processo Criativo: Do Rabisco à Criação

O processo criativo infantil é um percurso gradual que se inicia muito antes do domínio da escrita ou de formas esteticamente elaboradas. Os primeiros rabiscos, muitas vezes vistos pelos adultos como simples marcas aleatórias, carregam significados profundos para a criança, funcionando como registros de movimentos, descobertas e intenções. Segundo Lowenfeld e Brittain (1977), o desenvolvimento do desenho infantil ocorre em estágios, que vão do garatujo às representações mais complexas, evidenciando a evolução do pensamento simbólico e da percepção do mundo. Esses estágios não devem ser interpretados como modelos rígidos, mas como referências que ajudam o educador a compreender as necessidades e conquistas da criança em cada fase.

O rabisco, por exemplo, pode ser entendido como um primeiro ato de autonomia, no qual a criança percebe sua capacidade de interagir com o meio e deixar marcas. Essa experiência reforça a relação entre corpo e espaço, promovendo aprendizagens que se desdobram em outros campos do desenvolvimento, como a coordenação motora fina e a noção de limites. Para Vigotski (2009), a imaginação infantil é alimentada pela realidade, e os primeiros registros gráficos são formas de reelaborar experiências vividas. Assim, desenhar não é apenas brincar, mas também organizar pensamentos e dar sentido ao cotidiano.

À medida que o processo criativo se torna mais elaborado, a criança passa a explorar símbolos, personagens, histórias e cenários, utilizando a arte como uma linguagem para narrar e representar suas vivências. Nesse momento, o educador tem papel fundamental em reconhecer e valorizar as produções, sem impor padrões estéticos que inibam a originalidade. Como ressalta Ostrower (2014), a criação artística é um exercício de liberdade, que só floresce em contextos nos quais a criança se sente acolhida para experimentar.

Outro aspecto importante é compreender que o processo criativo não se limita ao produto final. Muitas vezes, a riqueza da experiência está no ato de criar, manipular materiais, testar cores, formas e texturas. Oliveira (2010) enfatiza que a aprendizagem por meio da arte se dá na experimentação, e que o erro deve ser encarado como parte essencial do caminho criativo. Dessa forma, a escola precisa oferecer materiais diversificados e ambientes estimulantes, onde a criança possa explorar sem receio de julgamentos.

Em síntese, o processo criativo infantil é marcado pela espontaneidade, pela curiosidade e pela busca de significados. Desde os primeiros rabiscos até a criação de produções mais complexas, a arte possibilita que a criança organize seu pensamento, expresse sentimentos e construa identidades. O papel do educador, nesse percurso, é garantir condições para que a liberdade criativa se mantenha viva, promovendo experiências que ampliem o repertório e respeitem as singularidades de cada criança.

O PAPEL DO EDUCADOR NA MEDIAÇÃO DA EXPRESSÃO ARTÍSTICA

O educador exerce um papel decisivo na mediação das experiências artísticas da infância. Longe de atuar como mero transmissor de técnicas, o professor é responsável por criar condições para que a criança explore materiais, descubra novas formas de expressão e reconheça suas produções como legítimas manifestações de aprendizagem. Essa postura implica compreender a arte não como atividade secundária ou ilustrativa, mas como linguagem constitutiva da formação integral. Para Oliveira (2010), o professor deve atuar como facilitador, estimulando a autonomia criativa e respeitando os tempos e singularidades de cada criança.

A mediação do educador envolve tanto a organização do espaço quanto a seleção

intencional de materiais e propostas. Um ambiente preparado, com diversidade de recursos — tintas, papéis, argila, instrumentos musicais, tecidos, objetos recicláveis — possibilita à criança experimentar e ampliar suas possibilidades criativas. De acordo com Barbosa (2002), a função do professor é abrir caminhos para que a criança dialogue com diferentes linguagens artísticas, sem restringi-la a moldes prontos ou atividades padronizadas que anulam a expressividade individual.

Outro aspecto essencial é a postura do educador diante das produções infantis. Valorizar cada criação, ainda que simples, reforça a autoestima e encoraja novas tentativas. Isso significa abandonar comparações ou críticas que possam limitar o processo criativo, substituindo-as por perguntas abertas que estimulem a criança a refletir sobre sua própria produção: "O que você quis mostrar aqui?" ou "Que cores você gostaria de experimentar agora?". Como destaca Freire (1996), ensinar exige respeito à autonomia e à curiosidade do educando, princípios que se aplicam também ao ensino da arte.

Além disso, o professor deve reconhecer que a arte vai além das artes visuais. Música, dança, teatro e literatura são igualmente potentes e devem integrar o planejamento pedagógico, favorecendo diferentes formas de expressão. Hernández (2000) argumenta que a arte é uma forma de narrar e interpretar a realidade, sendo o professor mediador desse diálogo entre a criança e o mundo. Nesse sentido, a mediação não é neutra: envolve escolhas pedagógicas que podem ampliar ou restringir a criatividade, a sensibilidade e a criticidade da criança.

A formação docente também se mostra um fator determinante para a qualidade das práticas artísticas. Professores que tiveram pouco contato com a arte em sua trajetória escolar tendem a reproduzir atividades estereotipadas, enquanto aqueles que se apropriam de referenciais teóricos e vivências artísticas conseguem criar propostas mais significativas. Como afirma Dewey (2010), a experiência estética depende da interação entre sujeito e ambiente, e cabe ao educador garantir que esse encontro ocorra de forma plena e transformadora.

Portanto, o papel do educador na mediação da expressão artística é criar condições, provocar reflexões e legitimar as produções das crianças como parte de seu processo de desenvolvimento. Isso exige sensibilidade, planejamento e compromisso com uma educação que valorize a arte como direito e como linguagem fundamental para a formação integral do ser humano.

ARTE, INCLUSÃO E FORMAÇÃO INTEGRAL DA CRIANÇA

A arte, quando inserida de maneira significativa no cotidiano da educação infantil, revela-se um poderoso instrumento de inclusão e de promoção da formação integral da criança. Isso porque a linguagem artística não exige domínio prévio da escrita ou da oralidade, permitindo que todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, cognitivas ou sociais, participem ativamente das experiências propostas. Dessa forma, a arte se apresenta como um espaço democrático, no qual cada criança pode expressar sua subjetividade e ser reconhecida como sujeito de direitos. Para Hernández (2000), a arte possibilita à criança narrar sua própria história e construir identidades, o que fortalece sua autoestima e senso de pertencimento.

No campo da inclusão, a arte se destaca por possibilitar múltiplas formas de expressão. Crianças com deficiência, por exemplo, encontram na pintura, na música, na dança ou no teatro recursos para comunicar ideias e sentimentos que, muitas vezes, não conseguem verbalizar. Nesse sentido, a arte torna-se mediadora entre o mundo interno da criança e a realidade externa, favorecendo processos de interação e integração social. Segundo Ostrower (2014), a criação artística é um exercício de liberdade, e, em contextos inclusivos, essa liberdade amplia-se ao permitir que cada indivíduo participe de acordo com suas potencialidades.

Outro aspecto importante é que a arte contribui para o desenvolvimento da empatia e do respeito às diferenças. Ao valorizar produções diversas, o ambiente escolar passa a reconhecer que cada criança possui um modo único de criar e comunicar-se. Isso reforça a importância de propostas pedagó-

gicas que não padronizem resultados, mas que abram espaço para a pluralidade de expressões. Como ressalta Dewey (2010), a experiência estética promove reflexão crítica e amplia horizontes, ajudando o indivíduo a compreender a si mesmo e ao outro.

Além da dimensão inclusiva, a arte também é fundamental para a formação integral, pois mobiliza aspectos cognitivos, emocionais, motores e sociais de maneira integrada. Ao desenhar, pintar ou dançar, a criança exercita sua coordenação, sua criatividade e sua sensibilidade estética, ao mesmo tempo em que fortalece vínculos afetivos e aprende a trabalhar em grupo. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) reconhece a arte como uma das áreas fundamentais da educação básica, enfatizando sua contribuição para o desenvolvimento pleno da criança e para a formação de cidadãos críticos e participativos.

Assim, a arte na educação infantil não pode ser reduzida a um momento isolado ou secundário do currículo. Ela deve estar integrada às práticas pedagógicas de forma transversal, possibilitando que todas as crianças tenham acesso a experiências estéticas que ampliem sua visão de mundo. A inclusão, nesse sentido, não se limita à presença física do aluno na sala de aula, mas se concretiza quando ele encontra, por meio da arte, oportunidades reais de participação, expressão e reconhecimento.

Portanto, a arte é não apenas linguagem, mas também caminho de inclusão e transformação. Ao favorecer o respeito à diversidade e estimular a criatividade, contribui para a formação de sujeitos autônomos, críticos e sensíveis, capazes de compreender a si mesmos e interagir de forma ética e solidária com o mundo ao seu redor.

ARTE, BRINCADEIRA E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A infância é marcada pela ludicidade, e a brincadeira constitui-se como eixo estruturante do desenvolvimento infantil. Quando associada à arte, a brincadeira amplia suas potencialidades, transformando-se em experiência estética e pedagógica. Brincar com tintas, cores, formas e sons não é apenas um passatempo, mas um modo de experimentar o mundo, explorar possibilidades e construir conhecimentos. Para Kishimoto (2011), a brincadeira na educação infantil é um recurso pedagógico essencial, pois favorece a criatividade, a socialização e a aprendizagem significativa.

A articulação entre arte e brincadeira permite que a criança explore materiais de forma espontânea, sem a pressão de um resultado final pré-estabelecido. Nesse processo, o lúdico atua como estímulo para a curiosidade, para a resolução de problemas e para a expressão de emoções. A música, por exemplo, quando explorada de forma lúdica, promove a percepção rítmica e auditiva, além de favorecer a comunicação e o trabalho em grupo. Do mesmo modo, atividades de dramatização possibilitam que as crianças experimentem papéis sociais, exercitando a imaginação e desenvolvendo a empatia.

Outro ponto relevante é que a brincadeira, quando mediada pela arte, favorece aprendizagens interdisciplinares. Ao construir um brinquedo com materiais recicláveis, por exemplo, a criança vivencia noções de matemática, ciência e linguagem, ao mesmo tempo em que exercita sua criatividade. Como afirma Dewey (2010), a experiência educativa é mais significativa quando integra ação, emoção e reflexão, princípios que se concretizam plenamente nas atividades artísticas de caráter lúdico.

Nesse sentido, cabe ao educador reconhecer o valor da ludicidade no processo artístico e criar situações em que a criança tenha liberdade para experimentar, inventar e reinventar. A união entre arte e brincadeira, ao mesmo tempo que desperta prazer, promove aprendizagens duradouras e contribui para a formação de sujeitos críticos, criativos e autônomos.

CONCLUSÃO

A reflexão sobre a expressão artística na infância evidencia que a arte ocupa lugar central na educação infantil, sendo mais que um recurso complementar: trata-se de uma linguagem essencial para a formação integral da criança. Desde os primeiros rabiscos até criações mais elaboradas, a arte possibilita a construção de sentidos, a expressão de emoções e a ampliação do repertório cultu-

ral. Ao mesmo tempo, promove o desenvolvimento cognitivo, social e motor, articulando diferentes dimensões do aprender.

Observou-se que o processo criativo não se restringe ao produto final, mas reside na riqueza das experiências que envolvem a manipulação de materiais, a experimentação e a liberdade de expressão. Nesse percurso, o papel do educador é fundamental, pois cabe a ele organizar ambientes, propor desafios e valorizar a singularidade das produções infantis, evitando práticas padronizadas que limitam a criatividade.

Outro aspecto relevante é o potencial inclusivo da arte, capaz de acolher a diversidade e garantir a participação de todas as crianças, independentemente de suas condições ou habilidades. Nesse sentido, a arte se configura como direito e instrumento de cidadania, favorecendo a construção da identidade e o respeito às diferenças. A relação entre arte, brincadeira e aprendizagem também reforça o caráter lúdico da infância, mostrando que a criatividade, o prazer e o conhecimento caminham juntos na experiência educativa.

Conclui-se, portanto, que integrar a arte ao currículo da educação infantil é uma necessidade pedagógica, social e cultural. Investir em práticas artísticas intencionais e diversificadas significa contribuir para a formação de sujeitos críticos, autônomos e sensíveis, preparados para interagir com o mundo de forma ética e transformadora.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2010.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIGOTSKI, Lev S. A imaginação e a arte na infância. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.